



**Discurso da Presidente do
Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa
Dia da Academia, 2 de julho de 2026**

Senhor Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Senhor Vice-Presidente, Senhora Secretária-Geral, Senhores Académicos, Ilustres Convidados, Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Agradeço o honroso convite que me foi dirigido para apresentar, neste Dia da Academia, o Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa ou ILLLP (o nosso com 3L).

Procurarei dar uma visão clara da sua missão, do seu percurso e dos projetos que hoje concretizam uma das responsabilidades mais antigas da Academia: o estudo, a descrição e a valorização da língua portuguesa, com especial incidência sobre a sua componente lexical. E estudar o léxico não é apenas inventariar palavras. É observar a vida da língua: aquilo que permanece, aquilo que muda, aquilo que nasce, aquilo que se especializa, aquilo que passa de um domínio para outro e aquilo que chega por via de novas práticas sociais, científicas, técnicas e culturais.

Falar do ILLLP é falar de uma missão profundamente enraizada na história da Academia, mas também de uma tarefa que hoje se encontra no centro de desafios muito atuais: a transição digital, a inteligência artificial, a circulação global da informação, a diversidade das variedades do português e a necessidade de recursos lexicais fiáveis, acessíveis e cientificamente validados. É também, importa dizê-lo, revisitar uma memória institucional que, nem sempre dispondo de documentação completa, exige prudência e um trabalho paciente de reconstituição.

A Academia das Ciências de Lisboa, enquanto instituição científica de utilidade pública, é “órgão consultivo dos órgãos de soberania do Estado Português em matéria linguística”, nos termos do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 18/2022. É neste enquadramento que se compreende o papel do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa, órgão central da atividade lexicográfica da Academia.

Com antecedentes institucionais que importa recordar, o ILLLP foi fundado em 1987 — a sua primeira referência oficial surge no Decreto-Lei n.º 390/87 —, sob a presidência de José Pinto Peixoto, e consolidou-se no início da década de 1990 como resposta a uma necessidade antiga. Na verdade, o Instituto nasce de uma história muito anterior, feita de projetos, dicionários e iniciativas que mostram como a atividade lexicográfica da Academia acompanha a sua própria história. Curiosamente, no prospeto de 1989 que aqui vemos, surge

ainda, em subtítulo, a designação Centro Português de Terminologia. A documentação disponível não permite esclarecer plenamente o alcance dessa designação, mas parece indicar que, desde cedo, se procurou articular a vertente lexicográfica — centrada nos dicionários de língua e nos vocabulários ortográficos — com a vertente terminológica, ligada ao levantamento e à sistematização da terminologia de diversas áreas do conhecimento.

Desde a sua fundação, em 24 de dezembro de 1779, a Academia Real das Ciências de Lisboa assumiu os estudos da língua como uma das suas preocupações centrais, determinando, entre os seus “utilíssimos intentos”, que a composição de “hum Diccionario da mesma lingua” integrasse os seus primeiros trabalhos. Assim, em junho de 1780, nomeou uma comissão de sócios encarregados dessa tarefa: Pedro José da Fonseca, Agostinho José da Costa de Macedo e Bartolomeu Inácio Jorge. Em sessão de 4 de julho de 1780, foi apresentada a “Planta para se formar o Diccionario”, ponto de partida de um projeto ambicioso que viria a dar origem, em 1793, ao primeiro tomo do *Diccionario da Lingoa Portuguesa*. Esse volume, dedicado apenas à letra A, haveria de ficar único, tendo sido posteriormente celebrado em edição fac-similada por ocasião do seu bicentenário.

Samuel Johnson, célebre lexicógrafo inglês, observou que, enquanto outros autores podem aspirar ao elogio, o lexicógrafo apenas espera escapar à censura. Jacinto Prado Coelho recorda-nos, a propósito do primeiro dicionário da Academia, uma visão ainda mais dura: os académicos trabalharam arduamente, publicaram o primeiro volume e deixaram materiais para os seguintes, mas o esforço custou-lhes saúde, vista e anos de vida. Em troca, receberam apenas um exemplar da obra. A posteridade, porém, fixou muitas vezes a interrupção do dicionário em *azurrar*, esquecendo o seu caráter modelar. Talvez seja esta uma das ironias da lexicografia: trabalha-se para preservar a memória da língua, mas essa memória nem sempre faz justiça aos lexicógrafos.

Avancemos agora para o século XX. A intervenção da Academia no domínio da língua ganha nova expressão com a publicação, em 1940, do primeiro vocabulário ortográfico, dado à estampa pela Imprensa Nacional. Este marco inscreve-se numa tradição ortográfica e linguística em que se destacam nomes incontornáveis, entre os quais Francisco Rebelo Gonçalves e Aniceto Gonçalves Viana, que dispensam apresentação, pelo menos para quem percorre os trilhos da linguística portuguesa. A história da questão ortográfica na Academia é longa e complexa: vai dos primeiros projetos de vocabulário ortográfico aos debates sobre a simplificação e a uniformização da ortografia. Não me deterei, por isso, nessa matéria, remetendo para os trabalhos do nosso confrade e colega Rolf Kemmler e também para os de Maria Filomena Gonçalves, recentemente eleita sócia correspondente da 2.^a Secção, a quem damos as boas-vindas.

A continuidade da missão lexicográfica da Academia foi objeto de reflexão no discurso de Gustavo Cordeiro Ramos, *A actividade da Academia das Ciências de Lisboa no domínio da Lexicografia*, proferido em 1959. Cordeiro Ramos defendia que a lexicografia constituía uma das funções essenciais da Academia. Sublinhava que um dicionário académico não é uma obra meramente editorial, mas um instrumento nacional, pedagógico e científico, indispensável ao conhecimento e ao bom uso da língua. E lembrava uma ideia ainda plenamente atual: nenhum dicionário de uma língua viva pode ser definitivo, porque a língua muda.

Esse impulso esteve também presente nas décadas seguintes. Os vocabulários ortográficos foram sendo objeto de novas publicações resumidas, em 1947 e em 1970, mas é em 1976 que a Academia retoma de forma mais ambiciosa o projeto dicionarístico, com a publicação do *Dicionário da Língua Portuguesa*, coordenado por Jacinto Prado Coelho. Também esta obra foi pensada como um projeto de grande fôlego, previsto em seis volumes, mas acabaria igualmente por ficar interrompida na letra A. Depois do célebre reparo feito ao

primeiro dicionário acadêmico, que terminara em *azurrar*, é quase inevitável assinalar a solução encontrada neste novo projeto: terminar em *azuverte*, nome de uma ave de Timor — como se, desta vez, a Academia procurasse simbolicamente levantar voo.

Esta missão de continuidade surge formulada com particular clareza no discurso “Quo Vadimus, Academia das Ciências?”, proferido por José Pinto Peixoto, então presidente da Academia, e publicado em 1992. Nesse texto, recorda-se que, já em 1983, tinham sido apontadas três prioridades: retomar o diálogo com a Academia Brasileira de Letras sobre o acordo ortográfico, criar uma oficina de lexicografia, continuar o dicionário e preparar vocabulários técnico-científicos. Reconhecia-se já a importância da componente computacional, embora ainda se pensasse numa oficina permanente, “com seis a oito licenciados”. É neste contexto que se compreende a criação do ILLLP: a antiga oficina de lexicografia deu lugar a uma solução institucional mais ambiciosa. Neste processo, destaca-se o papel de João Malaca Casteleiro. A intensa atividade desenvolvida durante os 13 anos de elaboração do primeiro dicionário acadêmico completo mostra, porém, a fragilidade das condições existentes e a dependência de apoios externos. Essa realidade levanta uma questão ainda atual: como assegurar meios estáveis — públicos, institucionais ou mecenáticos — para uma tarefa estratégica ao serviço da língua portuguesa?

Com a criação do Instituto, abre-se uma nova etapa da lexicografia académica. O ILLLP foi presidido por João Malaca Casteleiro, entre 1991 e 2009; Artur Anselmo, entre 2010 e 2017; Telmo Verdelho, entre 2018 e 2022; e, desde 2023, por mim. Correspondendo a momentos distintos, estas presidências partilham a mesma consciência: a língua portuguesa exige trabalho continuado, método, conhecimento especializado e responsabilidade pública. Desde 2023, a Comissão Diretiva integra, como vogais, Carlos Ascenso André, pela Classe de Letras, e M. J. Lemos de Sousa, pela Classe de Ciências, a quem deixo um profundo agradecimento pelo acompanhamento, pela escuta e pela disponibilidade constantes.

E, retomando a imagem de há pouco, esse voo concretiza-se em 2001, com a publicação do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, coordenado por João Malaca Casteleiro, momento decisivo da responsabilidade lexicográfica da Academia.

A obra de 2001, em dois volumes, contou com o apoio do Ministério da Educação, do Instituto Camões e da Fundação Calouste Gulbenkian. Pela primeira vez, a Academia oferecia ao público um dicionário completo, com mais de 69 mil entradas, complementadas por informação etimológica, transcrições fonéticas e abonações. Apesar de várias críticas, o dicionário tornou-se uma referência incontornável. Mas, como qualquer dicionário impresso, ficou sujeito a uma limitação inevitável: a língua continuou a mudar depois da sua publicação. Malaca Casteleiro esteve ainda associado a várias iniciativas de grande relevância para a língua portuguesa, nem todas plenamente concretizadas, por limitações de meios, divergências institucionais ou dificuldades editoriais, como sucedeu com a revisão do dicionário.

A João Malaca Casteleiro sucedeu Artur Anselmo na presidência do ILLLP. Durante este período, o Instituto publicou, em 2012, o *Vocabulário Ortográfico Atualizado da Língua Portuguesa*. Elaborado integralmente de novo, este vocabulário incluiu uma introdução histórica e lexicológica, com textos de Artur Anselmo, Maria Helena da Rocha Pereira e Telmo Verdelho.

Em 2015, o ILLLP retomou os preparativos para a elaboração de um novo dicionário. As reuniões do Instituto eram então mensais: discutiam-se critérios, avaliavam-se possibilidades e delineava-se o projeto de uma nova obra lexicográfica. Trabalhou-se afincadamente na proposta para o Museu da Língua Portuguesa, em Bragança. Realizaram-se duas edições, em 2015 e 2016, do curso de lexicografia *Como se faz um dicionário*. Foram também promovidos vários eventos científicos, como *Ortografia e Bom Senso*, em 2015, e *A língua portuguesa nos dias de hoje*, em 2016. E esta é uma parte da história que já posso contar

também na primeira pessoa. Foi nesse contexto que se iniciou a minha ligação direta à Academia, inicialmente como formadora, depois como consultora — nomeadamente na proposta para o Museu — e, mais tarde, como coordenadora de projetos lexicográficos.

No que respeita ao dicionário, partíamos então de uma base muito limitada: o PDF da edição de 2001. O objetivo inicial era preparar uma nova edição impressa, mas esse propósito esbarrou em dificuldades: controvérsias institucionais, falta de financiamento, ausência de uma equipa e a consciência de que a continuidade do trabalho dependeria, em grande medida, do compromisso dos próprios académicos. Foi nesse espírito que, levando a peito os meus deveres enquanto sócia correspondente desta nobre casa, me juntei a outros académicos para dar seguimento ao projeto. Nesta fase, chegamos a ser 56. Pelo trabalho revisto, permitam-me recordar, com particular gratidão — e, em alguns, com saudade —, Sebastião Pinho, Dias Agudo, Carlos Salema, Bernardo Herold, Clara Magalhães, Mário Vieira de Carvalho, Toscano Rico, Olivier Pellegrino, Salomé Pais e M. J. Lemos de Sousa. Muito aprendi. Foi assim, com diálogo, saber especializado e sentido de missão, que fomos revendo o dicionário de 2001. Deixo ainda uma referência especial a José d'Encarnação, cuja generosidade e atenção constantes continuam a alimentar o trabalho do Instituto. Se um dia houver um distintivo para o académico que mais contribuiu para o dicionário com sugestões e reparos, estou certa de que será o candidato por excelência a recebê-lo. Para acelerar os trabalhos, foi também determinante o protocolo com a Universidade do Minho, sobretudo na componente computacional, domínio em que importa reconhecer o contributo de Alberto Simões, investigador em processamento de linguagem natural.

Desenvolvemos conjuntamente o LeXmart, hoje uma ferramenta central no trabalho do ILLLP: permite estruturar, editar, rever e disponibilizar dados lexicográficos de forma colaborativa.

Ainda durante a presidência de Artur Anselmo, foram publicadas as *Sugestões para o Aperfeiçoamento do Acordo Ortográfico*. Como é natural em matérias desta natureza, o tema suscitou debate e não reuniu então o consenso necessário para novos desenvolvimentos institucionais. A proposta chegou a ser apreciada em sede parlamentar, em 2017, mas não teve seguimento, prevalecendo o entendimento de que eventuais alterações ao Acordo deveriam ocorrer no quadro multilateral da CPLP e do Instituto Internacional da Língua Portuguesa.

Seguiu-se a presidência de Telmo Verdelho, período em que se iniciou a digitalização de obras dicionarísticas do acervo da Academia e se deu prioridade à criação de um vocabulário ortográfico digital, sem abandonar a revisão do dicionário. O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa foi publicado em formato digital em 2018, enquanto prosseguiam os trabalhos de revisão do dicionário, incluindo a definição de critérios para a aplicação do Acordo Ortográfico. Mais tarde, em 2022, sendo presidente da ACL José Luís Cardoso, levantou-se uma questão decisiva: o que seria necessário para disponibilizar o Dicionário em formato digital? Para o tornar possível, era indispensável constituir uma equipa com formação em humanidades, conhecimentos de linguística e competências digitais. Essa equipa, integrando elementos da Universidade do Minho, uma colega lexicógrafa e um técnico, permitiu que o trabalho avançasse a bom ritmo.

Entretanto, sucedi a Telmo Verdelho na presidência do Instituto. Assumi essa nova etapa como uma responsabilidade acrescida: dar seguimento aos projetos em curso, abrir novos campos de atuação e reforçar a articulação com centros de investigação, instituições científicas e culturais e com o público em geral.

Foi neste contexto que o Dicionário da Língua Portuguesa da Academia foi finalmente disponibilizado em formato digital, a 13 de abril de 2023. Foram acrescentados mais de 30 mil verbetes e revistos milhares de artigos lexicográficos. Como já tive

oportunidade de apresentar este projeto noutros contextos, não me deterei agora nos seus pormenores.

O trabalho lexicográfico académico tem sido assegurado por uma equipa pequena, mas muito ativa. Desde 2024, o ILLLP conta com a colaboração de duas bolséiras, Leonor Martins e Maria Leonor Reis. As suas dissertações de mestrado mostram como o trabalho desenvolvido no Instituto articula investigação linguística, tratamento computacional e aplicação lexicográfica. Ambas prosseguem agora esse percurso em doutoramento, uma numa componente histórica e outra numa componente neológica, dando continuidade a linhas de investigação diretamente ligadas aos recursos do Instituto.

As bolséiras acompanham ainda uma dimensão essencial do dicionário: o diálogo com o público. Recebemos perguntas, observações, críticas e dúvidas. Os números atuais de consulta mostram que não estamos apenas perante um projeto académico, mas também perante um serviço público de conhecimento linguístico. Por isso, o ILLLP tem procurado reforçar essa relação através da publicação de conteúdos de divulgação, nomeadamente sobre dificuldades e curiosidades da língua.

O *Vocabulário Fundamental* é a primeira ferramenta lexicográfica digital com os sentidos identificados e organizados por níveis de complexidade. A pedido da presidência, tem vindo a ser preparada uma edição impressa, trabalho a que as bolséiras se dedicaram com grande empenho e que se encontra já muito avançado. A publicação entra agora em fase de revisão integral e espero que venha a contar com parecer científico de mais académicos da 2.ª secção.

O ILLLP tem também desenvolvido trabalho relevante na área da terminologia, nomeadamente com a série *Thesaurus de Ciências da Terra*, editada por Lemos de Sousa, Telles Antunes, Cristina Rodrigues e por mim, da qual estão já publicados oito volumes. Em 2024, este trabalho teve particular projeção com a apresentação dos «Quadros das Divisões Estratigráficas» em diferentes contextos académicos e científicos, culminando no 37.º Congresso Internacional de Geologia, na Coreia do Sul. Pela sua importância para a normalização multilingue das legendas dos mapas geológicos oficiais, esta terminologia ficou apta a ser reconhecida pela IUGS como terminologia oficial de Portugal em 2025.

O ILLLP participa ainda na preparação de dicionários especializados. É o caso do *Dicionário de Ciências da Vida*, coordenado por M. Salomé Pais, atualmente em pausa devido ao elevado número de projetos em curso, e do *Dicionário de Geologia e Arqueologia*, coordenado por Lemos de Sousa e João Luís Cardoso, cujo desenvolvimento conta agora com o apoio da Universidade Fernando Pessoa, através da contratação da recém-mestre Susana Barão.

Outra frente de trabalho é o apoio ao *Dicionário Histórico-Biográfico*, coordenado por José Luís Cardoso, Henrique Leitão e José Augusto de Sottomayor-Pizarro. O papel do ILLLP neste projeto relaciona-se com a estruturação e codificação dos verbetes biográficos e temáticos. O Instituto tem ainda contribuído para a redação de alguns verbetes biográficos.

Refiro agora o *Acervo Lexicográfico*. Lançado no Dia Mundial da Língua Portuguesa, a 5 de maio de 2025, sob a presidência de José Francisco Rodrigues, o Acervo é uma plataforma digital dedicada à preservação, valorização e difusão de documentos que testemunham a tradição lexicográfica portuguesa.

Academia, por intermédio do ILLLP, conta atualmente com dois projetos financiados. O primeiro é o PORTULAN CLARIN LVT¹, aprovado no âmbito do Lisboa 2030, com financiamento FEDER. Desenvolvido em consórcio com a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (António Branco) e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Amália Mendes), o projeto visa reforçar a infraestrutura nacional PORTULAN CLARIN e criar condições para que recursos lexicográficos da Academia, em particular o

Dicionário, possam ser progressivamente articulados com serviços avançados de processamento da língua portuguesa e de inteligência artificial, incluindo o ecossistema Evaristo.ai.

O projeto ACL+ — Linguagem, Cultura e Inclusão Digital conta com o apoio do BPI | Fundação “la Caixa”. Com direção científica do Instituto e direção executiva de Raquel Silva, visa promover o acesso universal, aberto e inclusivo a recursos lexicográficos da língua portuguesa, através de vocabulários temáticos em linguagem clara, acessibilidade digital, educação linguística e inovação tecnológica. Atualmente centrado nas áreas da saúde e das migrações, o projeto terá um crescimento progressivo nos próximos meses. No âmbito da infraestrutura PORTULAN CLARIN, conteúdos do ACL+ no domínio da saúde integram já o agente especializado Evaristo, dedicado à linguagem clara.

Com esta forte aposta no digital, está também em curso uma frente de trabalho ligada ao linked data e à Wikidata, conduzida por David Lindemann, da Universidade do País Basco. O objetivo é tornar as entradas e aceções do dicionário identificáveis e referenciáveis no ecossistema Wikidata.

A propósito desta abertura digital, impõe-se uma nota séria. Nos últimos meses, registámos tentativas sucessivas de acesso abusivo aos nossos recursos e de extração indevida de conteúdos. Para além da dimensão jurídica, está em causa uma questão ética: um dicionário não é apenas uma base de dados para exploração automática, mas um bem cultural, científico e público, que exige respeito pelo trabalho de quem o constrói e mantém.

Mas regressemos às boas notícias. No domínio das parcerias, quero destacar, com particular satisfação, a colaboração com a Academia Brasileira de Letras, reforçada a partir do Encontro Lexicográfico entre Academias, realizado na Academia das Ciências de Lisboa, em novembro de 2024. Desde então, o diálogo com Ricardo Cavaliere e, mais recentemente, com as lexicógrafas da ABL tem sido regular, profícuo e muito enriquecedor. Foi também no âmbito desse diálogo que decidimos tornar público o nosso Observatório Lexical.

No plano da formação e da cooperação, o ILLLP tem procurado alargar a sua ação a diferentes públicos: cursos de lexicografia em 2015 e 2016 já referidos; formação para o Departamento de Tradução de Língua Portuguesa da Comissão Europeia, em Bruxelas; e o curso *Como se faz um dicionário?*, certificado pela DGERT, no âmbito do protocolo com a Escrever Escrever.

Outro ponto alto dos últimos anos foi o diálogo com o Instituto Internacional da Língua Portuguesa. Em março de 2023, o seu diretor executivo, Dr. João Neves — cuja presença hoje aqui muito nos honra — manifestou disponibilidade para aprofundar a colaboração com a ACL e com o Instituto de Lexicologia e Lexicografia. Iniciou-se assim uma aproximação fundada numa visão comum: promover a língua portuguesa como língua pluricêntrica, em rede e através de projetos partilhados no espaço da CPLP. A II Reunião do Grupo Multilateral de Reflexão sobre a Língua Portuguesa, realizada na Academia, em dezembro de 2025, consolidou esse caminho e reforçou a necessidade de uma ferramenta comum, colaborativa e atenta à diversidade lexical do português.

Esse caminho ganhou enquadramento institucional com a assinatura do protocolo de cooperação entre a Academia das Ciências de Lisboa e o ILLP, em maio de 2025.

No Dia Mundial da Língua Portuguesa, foi lançado o Atlas Lexicográfico da Língua Portuguesa. Desta parceria resultaram também o Curso de Lexicografia, níveis I e II, atualmente em curso e com a colaboração de Raquel Silva, bem como os cursos de Revisão de Texto e de Linguagem Clara. Estão ainda previstas a elaboração conjunta de um Guia de Linguagem Clara e a criação do Observatório de Neologismo

O ILLLP tem ainda exercido uma função consultiva, respondendo a pedidos de esclarecimento e parecer formulados por entidades públicas, nomeadamente a Assembleia da República, o Instituto Português da Qualidade e outras entidades, como a Allea, tendo sido responsáveis pela tradução do Código Europeu que estamos a ver.

O ILLLP tem reforçado a sua intervenção em redes académicas e eventos científicos. Em 2025, a Academia acolheu a Fifteenth International Conference for Historical Lexicography and Lexicology. Em fevereiro de 2026, promoveu, em parceria com o Centro de Estudos Mirandeses da Universidade do Porto, o colóquio Lhéngua mirandesa: tradição e futuro, que tive o gosto de coorganizar com Bárbolo Alves, reunindo especialistas para refletir sobre a língua mirandesa e os desafios do seu futuro.

Este trabalho tem sido apresentado em vários encontros, e muito me honra ter sido convidada como conferencista principal na LexiKonf2025, em Budapeste, e na NOVA, em abril, estando prevista, em outubro, a participação na EURALEX 2026, em Viena. Estes convites reconhecem também o trabalho da Academia na lexicografia digital, na modelização de dados e na preparação de recursos lexicais para novos contextos tecnológicos. É aqui que se levantam os grandes desafios: o ILLLP tem desenvolvido muito trabalho com recursos humanos limitados. Os projetos em curso exigem equipas reforçadas, financiamento estável e continuidade. A excelência lexicográfica exige persistência institucional. Regresso, por fim, à ideia inicial. Desde a sua fundação, a Academia assumiu a responsabilidade de cultivar a língua portuguesa. Essa missão mudou de forma: no século XVIII, passava pela composição de um dicionário; no século XX, por uma obra impressa de referência; no século XXI, pela manutenção de recursos digitais acessíveis, atentos à diversidade do português e capazes de dialogar com a sociedade.

O ILLLP trabalha em três tempos: o da memória, preservando documentos, obras e figuras da lexicografia portuguesa; o do presente, atualizando recursos, observando neologismos e formando pessoas; e o do futuro, preparando dados lexicográficos para a ciência aberta, a inclusão e uma língua portuguesa em rede. A língua vive no uso dos seus falantes, mas ganha consciência de si quando é estudada, descrita, organizada e transmitida. Essa é a tarefa da lexicologia e da lexicografia.

O caminho está hoje mais estruturado. E talvez seja essa uma das maiores responsabilidades de quem dirige um Instituto desta natureza: não apenas lançar projetos, mas criar condições para que outros lhes possam dar continuidade. Termina com uma palavra de reconhecimento a todos os que têm contribuído para este percurso: à Presidência da Academia, aos académicos, aos autores e coordenadores dos projetos, aos investigadores e especialistas externos, aos parceiros institucionais, aos funcionários, aos serviços da Biblioteca — incansáveis também na preparação da exposição que hoje visitaremos —, Tiago, Afonso, aos nossos utilizadores e, naturalmente, à minha equipa.

Que o Instituto continue a cumprir esta missão com rigor, abertura e responsabilidade, honrando a tradição lexicográfica da Academia das Ciências de Lisboa e preparando-a para os desafios de uma língua portuguesa cada vez mais global, digital e plural.

Se não é útil o que fazemos, vã é a glória. Muito obrigada.

Ana Salgado